

# Introdução

**Celda Morgado**

*celda@ese.ipp.pt*

Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto  
Centro de Linguística da Universidade do Porto - FLUP  
Centro de Investigação e Inovação em Educação – ESE/IPP (Portugal)

**Ana Maria Brito**

*abrito@letras.up.pt*

Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

O livro agora editado contém uma seleção de textos apresentados no *III Meeting on Morphosyntax of Portuguese Sign Language and other sign languages / III Encontro sobre Morfossintaxe da LGP e de outras línguas de sinais*, organizado pelo Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP) e pelo Centro de Investigação e Inovação em Educação (inED) da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto (ESE/IPP), que decorreu nos dias 6 e 7 de fevereiro de 2020, nas instalações da Faculdade de Letras da UP e da Escola Superior de Educação do IPP.

Esta foi já a terceira edição de um encontro internacional/transcontinental que se realiza por tradição em coorganização das instituições envolvidas. São dois dias de trabalho e de reflexão, partilha e discussão, em torno de temas de diferentes línguas e vários pontos de vista científicos e investigativos sobre as línguas gestuais<sup>1</sup> e as suas propriedades e estruturas, em diferentes áreas da gramática e das línguas. Além de ter acolhido investigadores de Portugal, Brasil, Espanha e Itália, o Encontro contou com duas conferencistas convidadas, a Prof. Meltem Kelepir, da Universidade Boğaziçi, de Istambul, Turquia, e a Prof. Ana Mineiro, da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, ambas com um currículo vasto sobre línguas gestuais.

Se as línguas gestuais são, desde William Stokoe, consideradas línguas naturais, permanecem muitas dúvidas acerca da sua organização. Durante algumas décadas do

---

<sup>1</sup> Utilizaremos os termos ‘línguas gestuais’ e ‘gesto’ como equivalentes, respetivamente, a ‘línguas de sinais’ e ‘sinal’, por serem os termos selecionados e utilizados pela Comunidade Surda Portuguesa, ainda que na investigação linguística de várias línguas do mundo sejam preferidos os segundos termos.

séc. XX, os linguistas tentaram mostrar que as línguas gestuais são governadas pelos mesmos princípios que regem as línguas orais, princípios da Gramática Universal. Nas últimas décadas, porém, o foco tem incidido em propriedades específicas relacionadas com a modalidade manuovisual das línguas gestuais e com a simultaneidade de elementos manuais e não manuais, entre outros aspetos. As duas perspetivas são importantes e o desafio colocado aos linguistas é descobrir o que é universal e o que é dependente da modalidade específica das línguas gestuais, o que torna a investigação tão desafiadora e tão estimulante.

Este livro abrange temas de áreas já mais estudadas das línguas gestuais e em particular da Língua Gestual Portuguesa (LGP) – o léxico e a fonologia –, mas inclui também áreas menos exploradas, como a sintaxe e a semântica, além do domínio mais vasto da variação e da mudança.

Enquanto o léxico das línguas gestuais está muito estudado em diferentes perspetivas, há muitas dimensões semânticas destas línguas ainda por analisar e compreender. Uma dessas dimensões é a quantificação. Os estudos sobre quantificação em línguas gestuais são raros e há questões difíceis de responder: como é que em diferentes línguas gestuais se exprime a quantificação universal (*todos os x*) e a quantificação existencial (*alguns x*)? Como é que estas línguas exprimem a definitude e a indefinitude?

No seu texto, Meltem Keleşir estuda o papel do espaço para a expressão da quantificação indefinida exclusiva e inclusiva, tendo como ponto de partida a Língua de Sinais Turca (TİD); nesta língua, o gesto para UM, quando gestualizado em diferentes espaços, resulta em diferentes interpretações. Há formas indefinidas exclusivas (que excluem pelo menos o interlocutor e outros indivíduos), em particular um gesto para OUTRO, que pode funcionar como um indefinido exclusivo com sentido de “alguém” e que pode ser usado sozinho ou combinado com outras formas. E há um gesto para um indefinido inclusivo que inclui o interlocutor e uma terceira pessoa (“ele” / “ela”). Não existindo um gesto para dar o valor de OUTRO inclusivo, parece, assim, que o valor exclusivo é o valor não marcado para os indefinidos na TİD, o que vai ao encontro da proposta de Cormier (2005)<sup>2</sup> para os pronomes pessoais na Língua de Sinais Americana (ASL).

Uma das questões centrais a explorar nas línguas gestuais é a organização das frases simples, nos seus diferentes tipos, e a organização das frases complexas, incluindo a ordem de palavras e a maneira como estas línguas exprimem a estrutura argumental dos verbos, problemas típicos abordados em sintaxe. Neste livro, vários textos analisam estes temas, embora de maneiras muito distintas.

Alessandra Checchetto, Caterina Donati e Carlo Cecchetto descrevem as frases exclamativas parciais na Língua de Sinais Italiana (LIS) a partir de um corpus semi-spontâneo, com informantes Surdos, a quem foi pedido não só a descrição de desenhos que provocariam reações positivas e negativas de surpresa, como também juízos de gramaticalidade perante tais produções. A análise permitiu observar que as exclamativas parciais na LIS têm como principal marca as sobrelinhas franzidas, tal como nas interrogativas parciais, o que permite a conclusão de que as sobrelinhas

---

<sup>2</sup> Cormier, Kearsy (2005). Exclusive pronouns in American Sign Language. In Filimonova, E. (ed.), *Clusivity: Typology and case studies of inclusive-exclusive distinction*, 241-268. Amsterdam: John Benjamins.

franzidas são a expressão não-manual de um traço *wh*, o traço comum às interrogativas e às exclamativas parciais. Tal proposta permite aos autores elaborar um tratamento formal das exclamativas parciais na linha de Zanuttini e Portner (2003)<sup>3</sup> e que é minimamente diferente da análise das interrogativas *wh*.

Morgado e Brito estudam as frases predicativas na Língua Gestual Portuguesa (LGP) com adjetivos e com locativos; os dados recolhidos, quer em produções provocadas em quatro informantes Surdos, quer através da recolha no dicionário *Spread the Sign*, permitiram concluir que há cópula nula com adjetivos, com predicados de indivíduo e com predicados de estádio, ao contrário dos predicados locativos, que são produzidos com um gesto para o verbo, seguido ou antecedido de um índice locativo e, em várias construções, acompanhado pelo *mouthing* /lala/. Esta constatação justificou, por parte das autoras, uma análise comparativa entre línguas orais de cópula nula e outras línguas gestuais, em particular a ASL, a Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS), a Língua de Sinais Espanhola (LSE) e a Língua de Sinais Finlandesa (FinSL).

A ordem de palavras, como já dissemos, é também um aspeto por explorar no que diz respeito às línguas gestuais, sendo que alguns investigadores defendem que as línguas gestuais terão maior flexibilidade na ordem de palavras/sintagmas do que as línguas orais; mas, por outro lado, há linguistas que, comparando diferentes línguas gestuais, advogam em favor de padrões de ordens dominantes.

Mariana Martins, Hope Morgan e Victoria Nyst estudaram a ordem de palavras e a estrutura argumental na Língua Gestual da Guiné-Bissau (LGG), uma língua gestual emergente, e, portanto, ainda não completamente estabilizada. Os dados foram obtidos a partir de uma tarefa de elicitación, com 12 gestuantes Surdos, que envolveu a observação de vídeos que captavam eventos transitivos. A análise permitiu perceber que os argumentos dos verbos são indexados no espaço, mas a direcionalidade dos verbos nem sempre tem em conta a localização dos argumentos. A frase apresenta o verbo em posição final, mas poderá haver diferenças que se relacionam com traços de animacidade dos argumentos: o padrão SOV surge quando o sujeito é não humano e o padrão OSV surge com dois argumentos humanos, o que permite encontrar semelhanças com outras línguas gestuais emergentes, nomeadamente as línguas gestuais que surgem em aldeias (*village SL*).

Uma das questões sempre colocadas sobre o léxico das línguas gestuais é a de saber até que ponto os gestos/sinais usados são icónicos, tentando aproximar-se da forma dos objetos, ou se são arbitrários, com uma relação cada vez mais distante dessa forma.

Rosana Constâncio e Jorge Bidarra, a partir de vários exemplos da LIBRAS, discutem esta questão, considerando que, em línguas gestuais, e numa perspetiva funcional, a iconicidade não pode ser considerada um fenómeno antagónico da arbitrariedade, uma vez que, se certas partes dos gestos podem ser icónicas, outras partes não o são. Deste modo, os autores consideram que as duas dimensões caracterizam a LIBRAS, tal como qualquer outra língua natural.

<sup>3</sup> Zanuttini, Raffaella & Paul Portner (2003). Exclamative Clauses: At the Syntax-Semantics Interface. *Language*. 79: 39-81.

Ana Mineiro discute igualmente esta questão a partir da análise de como o espaço sintático, espaço onde os gestos de uma língua gestual são produzidos, se vai modificando numa língua emergente, a Língua Gestual de São Tomé e Príncipe (LGSTP). O estudo realizado permitiu observar como, de um espaço amplo a nível de utilização de todo o corpo e da produção dos gestos afastados do gestuante, se vai chegando a gestos cada mais próximos do tronco e que diminuem em termos da área espacial ocupada, num processo que a autora considera ser universal, neurolinguisticamente motivado, de procura da economia linguística e de menor dispêndio de energia motora na articulação do gesto e na utilização do espaço.

Marta Morgado e Victoria Nyst estudam também duas línguas gestuais de aldeias (“village sign languages”), uma usada em Adamorobe (AsaSL), Gana, e outra em Bouakako (LaSiBo), Costa do Marfim. A primeira língua existe há várias gerações e tem atualmente trinta falantes. A segunda é emergente e tem sete falantes. Sendo línguas de aldeia, não sofreram qualquer influência da escola nem de outras línguas gestuais. A partir da produção de histórias sobre ataques de animais, nomeadamente cobras, o objetivo do estudo foi o de perceber como os movimentos de boca são usados para exprimir o tamanho e a forma. Algumas semelhanças e diferenças foram encontradas nestas duas línguas: na LaSiBo o tamanho pequeno e a forma circular foram expressas sobretudo por gestos do corpo e pouco por movimentos da boca; os movimentos de boca foram mais numerosos na AsaSL.

Como qualquer língua natural, as línguas gestuais estão preparadas para construir textos e discursos, pelo uso de estratégias narrativas, processos de referenciação e retoma de referentes.

Leidiani da Silva Reis e Jorge Bidarra estudam processos referenciais em duas línguas gestuais, a LIBRAS e a LSE, a partir de dois *corpora* paralelos compostos por narrativas produzidas por seis indivíduos Surdos, três brasileiros e três espanhóis, tendo como pano de fundo a visão de um vídeo que narra a história das peras (*Pear Film*). A pesquisa permitiu mostrar que, embora cada língua use as suas próprias estratégias narrativas, os processos de referência são semelhantes, uma vez que os gestuantes usaram, recorrentemente, mecanismos de introdução de referentes e de retoma através de construções complexas constituídas por expressões deíticas e expressões anafóricas, a que os autores chamaram construções Deítico-Anafóricas.

Como línguas naturais, as línguas gestuais estão também sujeitas a variação e a mudança.

Neide Gonçalves, Mara Moita e Ana Mineiro decidiram estudar essas dimensões em duas produções do conto “Capuchinho Vermelho”, realizadas por dois gestuantes Surdos em momentos temporais diferentes, em 1992 e em 2019. As produções foram elicitadas com recurso a partir da visualização de imagens e foram gravadas. Os principais resultados apontam para um ligeiro aumento, em 2019, do uso da mão não dominante com papel simétrico na articulação do gesto e um aumento do uso de expressões faciais com valor fonológico. Observou-se, ainda, que a configuração é o parâmetro alterado em todos os itens que sofreram variação fonológica. Do ponto de vista do léxico, dos 20 itens-chave analisados apenas três sofreram variação lexical.

Os textos agora publicados foram objeto de avaliação por pares e aproveitamos esta ocasião para, mais uma vez, renovar os nossos agradecimentos aos revisores.

Agradecemos às instituições envolvidas nesta publicação e todo o seu contributo, muito em especial ao CLUP e à FCT, pelo financiamento desta publicação.

Queremos ainda agradecer aos colegas da ESE/IPP que têm colaborado connosco na organização dos encontros sobre a morfossintaxe da LGP, que tanto têm contribuído para o avanço do conhecimento sobre as Línguas Gestuais e para a constituição de uma rede de conhecimento capaz de continuar a realizar iniciativas nesta área.

Porto, julho de 2021

*Celda Morgado*

*Ana Maria Brito*

